

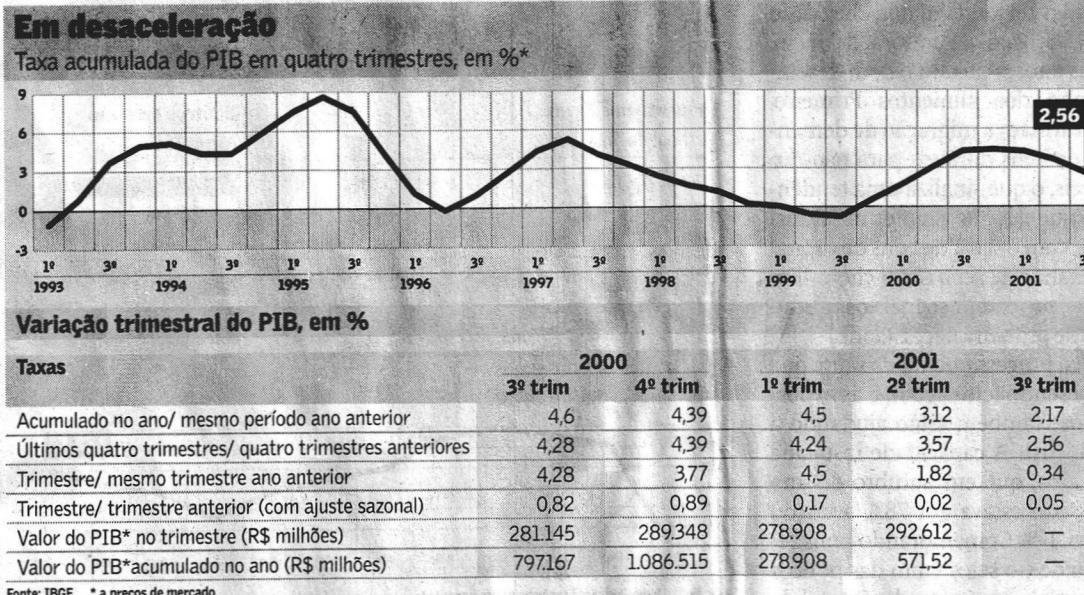
Economia cresceu apenas 0,34% no terceiro trimestre, diz IBGE

Vera Saavedra Durão
Do Rio

A economia brasileira aprofundou sua trajetória de desaceleração no terceiro trimestre do ano quando cresceu apenas 0,34% em relação a igual período do ano passado, fustigada pelo racionamento, desvalorização cambial, crise internacional e juros elevados. A queda na produção de energia de 12,10% no período foi o fator decisivo para a redução do crescimento aliada à manutenção do custo do dinheiro em 19%, disse Eduardo Nunes, diretor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O novo dado não surpreendeu o governo. "Já esperava uma desaceleração significativa", disse Pedro Malan, ministro da Fazenda. "O país está dando uma resposta apropriada à crise. 2002 pode ser melhor porque há setores que estão investindo e crescendo", disse o ministro, anunciando ao mesmo tempo que a meta de inflação de 2001 não será cumprida e que o presidente do Banco Central já está tomando providências para que isto não se repita.

A divulgação dos dados do IBGE não levou o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada a rever sua projeção de crescimento de 1,7% para o PIB deste ano, informou seu economista-chefe Paulo Levy. Na sua ava-



liação, não há nada de novo nas contas do IBGE. O Ipea previa uma expansão de 0,4% no PIB do terceiro trimestre em relação a igual período de 2000. A única novidade, relatou, foram os dados positivos da FIESP sobre o nível de atividade da indústria paulista. "Mas eles geralmente não batem com os números da produção industrial do IBGE", observou Levy. O Ipea projeta um crescimento de 0,5% no PIB do quarto trimestre em relação a igual período de 2000.

As demais bases de comparação do PIB trimestral foram também po-

sitivas, o que afasta o fantasma da recessão, na avaliação de Roberto Olinto, coordenador do PIB trimestral do IBGE. Na comparação com o segundo trimestre deste ano a expansão do PIB do terceiro trimestre foi de 0,05% e, na taxa acumulada do ano, de 2,17%. O impacto da forte desaceleração do período, a menor desde o terceiro trimestre de 1999, levou a um ajuste para baixo de um ponto percentual na taxa anualizada do PIB até setembro, que ficou em 2,56% ante 3,57% até junho.

Nunes acredita que o PIB de 2001

poderá fechar próximo deste patamar, mas teme que uma crise argentina volte a alimentar novas altas do dólar no Brasil, ameaçando a inflação e levando o BC a subir os juros. "O governo, entre o crescimento e a estabilidade, fica com a estabilidade." A série histórica do PIB revela que esta foi uma prioridade do governo Fernando Henrique Cardoso: nos últimos sete anos o país cresceu em média 2,55% ao ano.

O efeito do racionamento foi forte sobre a indústria do PIB, que registrou queda de 1,29% na comparação

com o terceiro trimestre de 2000. O único segmento industrial que teve taxa positiva foi o da extrativa mineral (2,88%). A indústria de transformação apresentou queda de 0,07% influenciada também pela contração na produção de automóveis. A construção civil também apresentou desempenho negativo de 2,07%.

No mesmo período, a queda da indústria total foi compensada pelo crescimento do setor agropecuário em 3,51% e pelo setor de serviços, em 1,54%. No setor de serviços, o comércio teve queda de 2,40% em sua atividade, enquanto o setor de comunicações registrou expansão de 10,47%. Este crescimento pode parecer elevado, mas corresponde a quase metade da taxa de expansão de 19,84% do setor no início do ano.

Olinto informou que estes dados de comunicações, que causaram problemas no cálculo do PIB do segundo trimestre, não incluem o desempenho da telefonia móvel. "Só poderemos divulgar este número se recebermos das empresas de celular uma série histórica de 15 meses, incluindo todo o ano 2000 e o primeiro trimestre de 2001 para termos como base de comparação. A probabilidade é fazermos este cálculo apenas a partir do ano que vem".

Mais sobre o ritmo de atividades da economia na página A4